

As mulheres na Força Aérea Brasileira



A partir da segunda metade do século XX as forças armadas de vários países do mundo começaram a admitir mulheres, que receberam formação idêntica a dos homens. Esse processo marca uma ruptura na história dos exércitos ocidentais, abrindo espaço para uma atuação diferente das funções auxiliares e modificando o esquema tradicional de recrutamento, alistamento e participação das mulheres apenas em tempos de guerra. Entre os países que se destacam no número de mulheres em suas forças armadas estão os Estados Unidos, 14% em relação ao total de soldados do país, Canadá com 11%, Hungria com 9% e França com 8,5%, de acordo com dados da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan, 2000).

No Brasil, a inserção de mulheres nas forças armadas é recente. A participação ocorreu, primeiramente, em funções como auxiliares. A marinha foi a primeira a admiti-las na área de manutenção eletrônica. Em 1980, foi criado o Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha, para atuação na área técnica e administrativa. "Legalmente elas podem ser movidas para outros trabalhos, mas na prática não é o que acontece. Elas permanecem nesse trabalho a vida inteira", conta Maria Celina D'Araújo, pesquisadora do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas (Cpdoc/FGV), e professora da Universidade Federal Fluminense (UFF). Apenas em 1998 houve permissão para participação feminina em missões nos navios hidrográficos, oceanográficos e de guerra e permissão para integrar tripulações de helicópteros.

O exército brasileiro foi o último das forças armadas a aceitar mulheres. Elas passaram a integrar os quadros complementares e de apoio administrativo, exercendo funções como médicas, dentistas, farmacêuticas, economistas, advogadas e outros. Depois, foram incorporadas nos quadros permanentes, mas sem poder galgar o topo da carreira. Segundo Maria Celina, que coordenou a sessão temática "Forças armadas e gênero", no II Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa, que ocorreu um julho deste ano, as mulheres desafiam o conceito tradicional de soldado profissional secularmente associado à valentia como atributo masculino.

"Elas são consideradas, em geral, como seres que precisam ser protegidos, dentro e fora dos quartéis, e isto suporia a exclusão em certas atividades consideradas de risco e de rigor disciplinar e, portanto, masculinas", acredita.

Em Israel, país onde o serviço militar é obrigatório para mulheres, elas estão excluídas das posições de combate. Isso ocorreu porque contribuíam para aumentar o número de mortos. A tendência do homem era proteger a companheira, enquanto o inimigo não queria se render à mulher. Ambos os casos geravam mais mortes. Nos Estados Unidos, as mulheres ocupam 95% dos postos de trabalho abertos para elas nas forças armadas, mas ainda estão excluídas dos campos de combate direto (artilharia, infantaria, forças especiais, etc.).

NO BRASIL

A Academia da Força Aérea (AFA) brasileira foi a primeira a incluir mulheres em um de seus cursos de formação de oficiais. A partir de 2014, a Escola Naval, também a 1ª Turma feminina para o Curso de Formação de Oficiais.

Em 1996, mulheres foram admitidas como cadetes e começaram a receber formação idêntica a dos homens no curso de formação de oficiais da intendência. Quatro anos depois, mais de 50% dos cadetes do curso eram mulheres. Em 2002, foi aprovado o ingresso delas para o curso de formação de oficiais aviadores e, em 2004, pela primeira vez na história da aviação brasileira, uma mulher pilotou sozinha uma aeronave de instrução militar da AFA.

Segundo Emília Emi Takahashi, professora da AFA e autora de uma pesquisa sobre a participação de mulheres nessa instituição, as cadetes tem que se esforçar para que sua condição de mulher não se sobreponha ao espírito militar, ou à identidade militar. "As dificuldades ainda ocorrem, especialmente aquelas causadas por comportamentos discriminatórios isolados, entretanto, a elevação das notas, a identificação com os valores e atitudes próprios à vida militar como coragem, lealdade, dever e amor à pátria, são os aspectos mais lembrados quando penso na integração das mulheres na AFA", diz.

Na opinião de Maria Celina, entre os militares brasileiros prevalece o argumento da fragilidade feminina que serve de justificativa para restrições. "A ideia de proteção coloca a mulher no lugar de um ser que deve ser defendido em qualquer situação, se necessário pela guerra, mas nunca como agente direto do exercício da violência", explica. Segundo ela, é forte também a identificação da mulher com a maternidade, principal razão das baixas entre as militares. O casamento também aparece como fator limitante, em função das exigências de distanciamento e disposição de tempo integral próprios da vida militar, lembra Emília Takahashi.

"A admissão de mulheres na academia das forças armadas traz inovações históricas: o recebimento de uma formação acadêmico-militar idêntica a dos homens em um curso de formação de oficiais de carreira e a possibilidade de atingir o generalato", afirma Emília Takahashi. Hoje, segundo informações do Ministério da Defesa, 8403 mulheres estão empregadas na marinha, exército e aeronáutica, o que corresponde a 2,62% do efetivo das forças armadas brasileiras.

Nas aeronaves, pistas, hangares, escolas de formação, hospitais, controle aéreo e nas unidades administrativas, as mulheres estão cada vez mais presentes na Força Aérea Brasileira (FAB). Nos últimos 10 anos, a presença feminina nos quadros profissionais cresceu 154%. Em 2002, elas eram 3.249 e, atualmente, são 8.284 militares. Com passar dos anos, elas têm destacado, inclusive ocupando cargos de liderança e chefia, em áreas antes tipicamente masculinas.

Em 2012, completam-se 30 anos do ingresso da mulher na FAB. Nestas três décadas, as oficiais e graduadas acumularam muitas vitórias e entraram para história das Forças Armadas. Em 2003, a então Cadete-Aviadora Gisele Cristina Coelho de Oliveira foi primeira piloto militar a voar sozinha em uma aeronave da FAB no Brasil. Ela voou um planador TZ-23 do Clube de Voo a Vela da Academia da Força Aérea (AFA) - na década de 90, uma cadete-intendente já tinha voado em

planador (hoje, Capitão Intendente Sheyla Fernandes Sales). No ano seguinte, a então Cadete-Aviadora Fernanda Göertz tornou-se a primeira piloto militar a solar um avião de instrução básica (T-25) na AFA.

Em 2018, Em 2008, a Tenente Márcia Regina Laffratta Cardoso tornou-se a primeira aviadora a ser declarada Piloto de Busca e Salvamento. Já em no ano de 2009, pela primeira vez, uma dupla feminina comandou uma missão. As tenentes-aviadoras Joyce de Souza Conceição e Adriana Gonçalves, do Sétimo Esquadrão de Transporte Aéreo (7º ETA), decolaram de Manaus (AM) em um C-98 Caravan em direção a Parintins (AM). Ainda em 2009, a 3º Sargento Vanessa Felix se tornou a primeira militar da Força Aérea a conquistar o brevê de paraquedista. Seu primeiro salto aconteceu na Base Aérea dos Afonsos, no Rio de Janeiro (RJ).

No ano seguinte, durante a Reunião da Aviação de Asas Rotativas, a 3º Sargento Pollyana Soares de Aredes foi a primeira mulher a atirar com uma metralhadora Minigun, de um Helicóptero H-60 Black Hawk. Ela serve no Esquadrão Harpia (7º/8º GAv), sediado em Manaus.

Desde a 1ª Turma Feminina da Academia da Força Aérea Brasileira, muitas mulheres como as já citadas acima tiveram seu papel de destaque atuando como Oficiais Aviadores ou Intendentes.



**Tenente Juliana Barcelos
da 1ª Turma feminina de aviadores da FAB**



**Cadete Fernanda Göertz a 1ª mulher
a voar no T 25 Universal**



**Tenente Aviadora Gisela Cristina
1ª Mulher a voar sozinha numa
aeronave militar**

Como ingressar na Academia da Força Aérea Brasileira

Para ingresso na **AFA**, aberta a candidatos de ambos os sexos, o candidato deve ter entre 17 e 22 anos completados até 31 de dezembro do ano da matrícula e o Ensino Médio concluído ou em fase de conclusão, no ano da inscrição.

Candidatos que tenham entre 16 e 22 anos, desde que se respeite a exigência de acordo com a data de nascimento e que estejam cursando ou concluindo o Ensino Médio, já podem iniciar o seu preparo

para este concurso, para que na época da prova estejam em condições de concorrer a uma das vagas oferecidas. E o **SENA PRÉ-MILITAR** oferece toda a estrutura necessária para uma preparação às etapas seletivas do concurso que abrangem o conhecimento didático das disciplinas exigidas no edital, para a realização das Provas, que fazem parte da 1ª Etapa seletiva e a preparação para o Teste de Resistência Física (TAF).

Caso atenda os requisitos exigidos ou deseje preparar-se com antecedência para este concurso e queira maiores informações, envie um email para concursosmilitares@cursosena.com.br informando idade, data de nascimento, escolaridade (se ainda estiver estudando, informar o ano em curso) e de que localidade você é, para lhe indicarmos o preparatório aplicado de acordo com a cidade onde mora.



*SENA PRÉ-MILITAR o caminho mais curto para
ingresso na Academia da Força Aérea*

www.cursosena.com.br